



São Luís, 27 de julho de 2025.

Queridos educadores e educadoras do Núcleo de Alfabetização Humanizadora - NAHum,

Escrevemos esta carta em forma de gratidão, para expressar o quão significativo foi estudar e refletir sobre a proposta da Alfabetização Humanizadora. Fomos profundamente tocadas pela forma como vocês compreendem que a linguagem não é um sistema de códigos, mas um meio de expressão, interação e transformação social.

Somos acadêmicas do Curso de Pedagogia, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), da disciplina Fundamentos e Metodologia da Alfabetização, ministrada pela Profa. Dra. Joelma Reis Correia.

Durante nossos estudos, utilizamos diversos materiais, como o “Boletim número 1” (novembro/dezembro de 2020) e o “Boletim número 2” (janeiro/fevereiro de 2021), os episódios do *podcast* “História do NAHum: como tudo começou” e “Alfabetização numa Perspectiva Humanizadora, e o livro “Alfabetização Humanizadora: Princípios e Funções de Caracteres”, além do vídeo da aula 3, que aborda os fundamentos e as práticas de alfabetização.

Dentre todos os referenciais citados, foi, especialmente, o estudo dos Boletins que mais nos encantou, por proporcionar reflexões profundas e nos aproximar de uma compreensão sensível e crítica sobre o que significa alfabetizar de maneira verdadeiramente humanizadora. Essa experiência de estudo trouxe significados únicos para cada uma de nós, pois despertou sentimentos, inquietações e novas formas de olhar para a prática docente alfabetizadora. Mexeu com nossas ideias e com nossas convicções, desafiando-nos a desconfiar de concepções anteriores sobre

a alfabetização, de tradição livresca, associadas à memorização e um ensino fragmentado sem sentido que, antes, pareciam propostas sólidas e inquestionáveis.

Ao mergulhar no *Boletim 1 – Vez e Voz às Crianças*, compreendemos que ler e escrever são atos de diálogo com o mundo, e que cada texto carrega uma intenção, uma voz, uma história. Passamos a enxergar a alfabetização como um processo que vai muito além do ensino da leitura e da escrita; ela é uma via para a formação de sujeitos críticos, conscientes e atuantes. A escrita se revelou para nós como um instrumento cultural e formativo, capaz de desenvolver nas crianças uma visão reflexiva e transformadora. O *Boletim* mostrou que a Alfabetização Humanizadora busca, desde o início da trajetória escolar, favorecer o desenvolvimento integral da criança, considerando seus saberes, seu universo simbólico e suas experiências de vida que se manifestam nas músicas, poemas, brincadeiras, narrativas e tantos outros gêneros textuais presentes na sua cultura.

Entendemos, com isso, que trazer o diálogo e a cultura da criança para o centro do processo alfabetizador é um caminho para promover práticas sociais que respeitam as diferentes formas de linguagem e contribuem para a construção de uma educação mais humanizada.

No *Boletim 2*, as reflexões se aprofundam ao abordar as dimensões socioculturais da infância e ao apresentar os fundamentos da teoria histórico-cultural de Vygotsky, destacando a importância de práticas não excludentes. Esse material nos fez repensar práticas já naturalizadas, ampliando nosso olhar sobre as reais necessidades das crianças, inclusive daquelas com deficiência. A experiência nos mostrou que a Alfabetização Humanizadora é construída na escuta atenta, na paciência, no compromisso com o sentido daquilo que se ensina. Foi nesse ponto que percebemos o quanto a simplicidade, quando atravessada pelo afeto e pelo respeito, tem poder transformador.

Ao revisitar nossas concepções sobre alfabetização, também revisitamos nossas práticas. A experiência nos levou a refletir sobre a importância de oferecer propostas que façam sentido para as crianças, nas quais elas se reconheçam, se sintam acolhidas e respeitadas em sua individualidade. Essa escuta ativa e esse respeito às particularidades de cada sujeito tornam possível uma alfabetização

verdadeiramente humanizadora, enraizada na realidade e na vivência de cada criança.

Todo esse processo mexeu conosco de forma profunda. Foi mais do que um estudo: foi um encontro com outra forma de pensar a alfabetização e, conseqüentemente, a educação. Esse percurso formativo nos tocou, nos emocionou e nos levou a abrir o coração para repensar o papel da linguagem na formação humana. Trouxe à tona pontos que gostaríamos de aprofundar, experiências que queremos visitar e sentidos que queremos construir com mais intencionalidade e compromisso.

A alfabetização, nessa perspectiva, deve considerar a linguagem escrita como portadora de enunciados concretos, não como conjuntos de signos técnicos isolados, mas como expressões vivas da cultura, da história e das relações humanas. É o enunciado, atravessado por marcas ideológicas, sociais e históricas, que assume um papel central no processo de humanização. Como nos ensinou o NAHum, "*não há enunciado sem um gênero que o acolha e sem a substância da cultura e o tempero da apreciação humana.*"

Ao nos distanciarmos da centralidade da consciência fonológica tão recorrente nas abordagens tradicionais, e tão presente na metodologia divulgada por Sobral – CE, compreendemos que alfabetizar é muito mais do que ensinar letras e sons, é abrir portas para que a criança compreenda o mundo: trata-se de abrir caminhos para que ela compreenda, dialogue e transforme o mundo. A escrita é mais que código: é vida, relação e troca.

Também entendemos que ensinar e aprender a escrever não se resumem à oralização dos sons ou à articulação fonêmica. A linguagem escrita deve ser apresentada desde o início como um artefato gráfico e visual, um objeto histórico e cultural que liga as pessoas. A Alfabetização Humanizadora não prioriza a repetição mecânica, mas sim a inserção da criança em práticas significativas de leitura e escrita, com sentido, autoria e identidade.

As práticas descritas nos Boletins, como a produção de *blogs* por crianças, a criação de *lides* jornalísticos e o planejamento da escrita com base em perguntas orientadoras, são exemplos vivos de como é possível alfabetizar respeitando a criança como sujeito ativo, criativo e produtor de sentidos.

O NAHum nos inspira a resistir às práticas desumanizantes, às cartilhas descontextualizadas e à mecanização do ensino da leitura e da escrita. Mostra-nos que é possível ousar, escutar e sonhar com uma alfabetização que acolhe e transforma, dando vez e voz às crianças.

Essa vivência nos marcou profundamente. Foi uma experiência de escuta, de questionamento e de ressignificação. Levamos dela não apenas novos conhecimentos, mas novas esperanças sobre o que é possível construir quando se acredita em uma educação comprometida com a alfabetização das crianças.

Com gratidão,

Alessandra Dos Santos Silva

Angelica Bastos Lima,

Glenda Ferreira e Ferreira

Mayara Santos Barbose

Sthefany Cutrim Gois Amaral